



N A R R A T I V A

**M**  **GRAN**  
 **TE**



© 2026, Fernanda Paixão, Marcelle Leal e Nayara Marfim

Todas as autoras. Todos os direitos reservados.

## **AUTORIA**

Fernanda Paixão  
Marcelle Leal  
Nayara Marfim

## **CONCEPÇÃO E CURADORIA**

Feltrip

## **REALIZAÇÃO**

Coletiva DELAS

## **CONVIDADOS (AS)**

### **Caminhada dia 7/11/25**

Juliana Argollo (Historiadora - Brasil)  
Ayoub Mnakbi (Migrante - Tunísia)

### **Caminhada dia 11/11/25**

Jessika Rezende (Historiadora - Brasil)  
Benvindo Manima (Migrante - Angola)

### **Caminhada dia 15/11/25**

Ana Carolina de Souza (Historiadora - Brasil)  
Alejandra Rojas (Migrante - Venezuela)





**EDITORA**

Coletiva DELAS

**PUBLICADO POR COLETIVA DELAS**

Brasil, 2026

ISBN 978-65-979986-0-9

Este livro foi produzido em formato digital.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Paixão, Fernanda  
Narrativa migrante [livro eletrônico] /  
Fernanda Paixão, Marcelle Leal, Nayara Marfim. --  
Rio de Janeiro : Coletiva Delas, 2026.  
PDF

ISBN 978-65-979986-0-9

1. Diário - Literatura 2. Ensaios brasileiros  
3. Ficção brasileira 4. Migração 5. Relatos pessoais  
I. Leal, Marcelle. II. Marfim, Nayara. III. Título.


26-353355.0

CDD-B869


**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira B869

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



**Se essa  
rua fosse  
minha...**







# APRESENTAÇÃO



## **APRESENTAÇÃO**

**Por Fernanda Paixão**  
**Curadora do projeto**

Narrativa Migrante é uma publicação literária que nasce do ato de caminhar. Vivemos a cidade como palco de sonhos, sabedorias, histórias, transformações e principalmente como processo de criação para a escrita. Idealizado e curado pela Feltrip, o projeto parte de uma metodologia própria já desenvolvida pela empresa em experiências de hospitalidade e adaptação cultural: caminhadas entre migrantes e brasileiros, conduzidas como práticas de presença, escuta e relação com a cidade. Ao longo de seus projetos, a Feltrip vem articulando corpo, território e encontro como formas de acolhimento e é desse campo de experiência que emerge esta publicação.

A co-idealização e realização de Narrativa Migrante é da Coletiva DELAS, hub de impacto social com atuação na economia criativa e no desenvolvimento de projetos de cultura, educação e sustentabilidade, realizando experiências formativas, eventos e conteúdos originais. Karina de Abreu e Karla Suarez, mulheres à frente da Coletiva DELAS contribuem para a


construção de uma cidade mais acessível, inclusiva e diversa. Com mais de 10 anos de atuação, elas alcançaram mais de 3 milhões de pessoas e geraram mais de 2.500 postos de trabalho.

O Narrativa Migrante é patrocinado pela consultoria EloGroup e pela Prefeitura do Rio de Janeiro via a Lei Municipal de Incentivo à Cultura do Rio de Janeiro, Lei do ISS, através da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

Map of Relational Presence (Mapa da Presença Relacional)<sup>TM</sup>, metodologia proprietária da Feltrip, desenvolvida ao longo de mais de três anos de pesquisa contínua, com a realização de mais de 200 caminhadas culturais, investiga como as pessoas constroem vínculos com o território, com o outro e consigo mesmas em contextos de deslocamento. Essa metodologia é a base utilizada no Narrativa Migrante. Suas caminhadas culturais fazem parte de um conjunto de projetos curatoriais que exploram a cartografia relacional como prática viva e, neste projeto, tornam-se também matéria literária.

As caminhadas que deram origem ao e-book Narrativa Migrante reuniram pessoas migrantes, vindas de Angola, Guiné Bissau, Tunísia e Venezuela junto a historiadoras cariocas. A partir desses encontros, Narrativa Migrante se desdobra





não apenas como publicação literária, mas como um projeto narrativo mais amplo, que inclui também a produção de uma websérie documental, exibida gratuitamente no YouTube, ampliando os percursos do corpo para outros suportes e linguagens.

Esta primeira edição reúne escritos das autoras Marcelle Leal e Nayara Marfim, convidadas a acompanhar as caminhadas realizadas no Rio de Janeiro, observando seus ritmos, conversas, desvios e silêncios. A escrita que se forma a partir desse processo mescla diário, ensaio e ficção, criando narrativas que não descrevem o percurso, mas se deixam atravessar por ele.

Marcelle e Nayara caminharam por diferentes Rios em sua formação literária e de vida, com referências ora próximas e ora distantes, tendo a cidade como fio condutor e bifurcação. O leitor caminha de um regime de escrita a outro, assim como o corpo caminha pela cidade.

Esta é a primeira edição de *Narrativa Migrante*: um projeto que entende a migração como experiência sensível, coletiva e em permanente movimento, algo que se escreve com os pés, com a escuta e com o tempo compartilhado. Para esta primeira edição, escolhemos o território da Pequena África e debruçamo-nos sobre a diáspora africana.

A *Narrativa Migrante* se compromete com o direito de ir e vir, contribuindo para migrações pacíficas e autônomas, para todos os seres humanos.



**É um  
beco...**







# SUMÁRIO



Ensaio Limítrofe, por Fernanda Paixão	9-24
Escritos de Marcelle Leal	25-41
Escritos de Nayara Marfim	42-56
Sobre as autoras	57-58
Referências bibliográficas do texto “Ensaio Limítrofe”	59-60





# ENSAIO LIMÍTROFE

de Fernanda Paixão



## ENSAIO LIMÍTROFE

Fernanda Paixão



As fronteiras são delimitações construídas ao longo da história da humanidade, dividindo lugares, territórios e assim formando cidades. Apesar de serem limítrofes, elas são também espaços de ultrapassagem, áreas de passagem, de mescla, de encontro e portas para novos mundos. Podem carregar características bélicas ou pacíficas, podem ser muralhas que afastam ou pontes que atraem. Na cidade do Rio de Janeiro, percebemos inúmeros muros: os de condomínios que isolam, os erguidos ao redor de favelas, os invisíveis traçados entre bairros de marcações sociais opostas. São fronteiras físicas, simbólicas e afetivas que organizam e, ao mesmo tempo, fragmentam o convívio urbano.

Hoje, essa cidade é um ponto minúsculo no mapa. Ao olhar o desenho do Brasil, percebe-se sua pequenez, quase caindo no grande oceano, com uma baía às costas que, para muitos, transmite segurança. A outros olhos, ela se torna uma gigante ex-capital, “monumentalizada” pela Baía de Guanabara, pelas rochas colossais, pelas proporções exageradas de um território fronteiriço a outros municípios e ao próprio mar.


Um mundo gigante ou um ponto mínimo no mapa? Talvez a cidade seja as duas coisas. Afinal, a cidade é atravessada por corpos de diferentes continentes que não apenas a atravessaram, mas a constituíram: África, Europa e, antes de todos, os povos originários que aqui sempre estiveram.

### **Sob ocupação originária: rios antes do Rio**

Antes de ser uma divisão administrativa, militar e portuária, antes de ser território de chegadas e saídas forçadas, o Rio não era “o Rio”. Era território Tupi, Temiminó, Tamoio. Era uma rede viva de rios, mangues e restingas, e não um desenho rígido em planta baixa. Era um espaço de mobilidade fluida, sem muros, onde a lógica de cidade não existia como forma de contenção, mas como parte da paisagem: aldeias, malocas, trilhas, fluxo.

Como lembra Ailton Krenak, em uma declaração poderosa publicada pela ArchDaily Brasil em outubro de 2023, numa entrevista intitulada “Em vez de operar na paisagem, devemos nos confundir com ela”, a natureza não é um cenário externo ao humano, mas um corpo contínuo do qual fazemos parte. Krenak recusa a ideia de que a paisagem possa ser manipulada como um objeto, como se fosse algo à disposição da humanidade. Para ele, operar sobre a paisagem,





como fazem os grandes projetos urbanísticos, extrativistas ou militares, é perder a própria capacidade de pertencimento.

Ele argumenta que a lógica de assentamento, herança colonial que moldou cidades como o Rio de Janeiro, rompeu essa interdependência fundamental entre humanos e a Terra. Ocupamos como quem toma, loteamos como quem divide, construímos como quem silencia o que existia antes. A cidade moderna passa a ser uma camada que recobre a relação ancestral entre corpos e território, impondo muros, fronteiras e coordenadas onde antes havia fluxo, trilha, rio, vida.

Sob essa perspectiva, a própria ideia de cidade, como entidade delimitada, é uma invenção tardia. Antes de 1565, antes das 45 alterações e 92 divisões administrativas mapeadas no Quadro da Evolução Política do Estado, havia outro modo de habitar. Não havia a noção de “centro” e “periferia”, nem a obsessão por cercar, murar, fixar. Ocupação, para os povos originários, é uma prática de relação, não uma posse. É cuidado, não domínio. É continuidade, não corte.

Ao reler a história do Rio à luz dessa provocação de Krenak, percebemos que grande parte das

tensões contemporâneas da cidade - desigualdade, violência, segregação, apagamento - nasce exatamente dessa ruptura radical: deixamos de nos confundir com a paisagem e passamos a colonizá-la. Criamos e recriamos pretextos para destruir uma cidade.



## **O estranhamento como fronteira: conversar com plantas e outras impossibilidades urbanas**

Há alguns anos, vivi uma experiência que, até hoje, não sei exatamente onde guardar. Eu e um colega africano, artista do Togo, conversávamos sobre materiais, corpo e aquilo que escolhemos vestir quando queremos dizer algo através da arte. Ele tinha assistido a uma performance minha em que usei folhas secas no figurino e fez um comentário que nunca me ocorrera: disse que, ao ver aquelas folhas costuradas ao meu corpo, sentiu como se eu estivesse “escravizando” a folha.

Ele não levou em consideração muitos outros aspectos importantes do trabalho, para além da folha (o que, na época, me soou como um olhar atravessado de um machismo que permeia o homem de qualquer continente), no entanto, a fala dele me atravessou como uma pedra lançada num rio calmo: deslocou tudo em volta.

Não era exatamente uma acusação: era uma percepção. Uma cosmologia inteira que eu não tinha ferramentas para compreender.

O que seria “usar” uma folha?

## O que é “apropriar-se” de algo que já caiu da árvore?

Para mim, sempre foi material poético. Arte-natureza.

Para ele, era violência. Um animismo radical que eu só tinha encontrado nos textos sobre bruxas perseguidas na Inquisição. Eu lia, mas não entendia. A noção animista me chegava calcificada. Era uma teoria distante, até virar encontro.

E esse estranhamento abriu uma fresta intuitiva que, por muito tempo, tentei manter fechada.


Ela não fechava.

Em certo momento, no meio da conversa, ele me perguntou:

**“Você já perguntou para as plantas da sua casa se elas querem estar lá?”.**

Eu, sudestina, brasileira, formada num caldo onde a natureza é objeto, cenário, decoração, nunca tinha me perguntado se uma planta quer ou não estar em um lugar. Para mim, plantas precisavam





de luz, água, cuidado, mas querer? Desejar?  
Consentir?

Voltei para casa com essa pergunta martelando.  
Por dias me senti ridícula de sequer considerá-la.

**A pergunta insistia.**

**Até que um dia perguntei.**

**Perguntei de verdade.**

E, na minha experiência, por mais inconfessável  
que pareça, três delas “responderam” que  
queriam ir embora.

Eu as tirei de lá.

E até hoje me pergunto: onde termina o delírio e  
onde começa a sensibilidade radical?

Até que ponto a cidade nos adentra para achar  
que isso é loucura, e não apenas outra maneira  
de estar no mundo?

E, curiosamente, foi dessa mistura de incômodo,  
conflito, frustração e estranhamento que nasceu  
uma fronteira interna importante.

Porque, se uma folha pode ser “escravizada”, então um território também pode.

Se uma planta pode não querer estar ali, talvez um bairro também não queira ser o que fizeram dele.


Talvez a cidade inteira seja um organismo que ninguém perguntou se consentia.

É por isso que essa pequena conversa, apesar de suas sombras e ruídos, segue comigo.

Ela me lembra que existe uma camada animista, ancestral e radicalmente relacional sob o concreto, uma camada que, quando tocada, soa como loucura, mas apenas porque desaprendemos a ouvi-la.

Em uma das caminhadas culturais do Projeto Narrativa Migrante, na Pequena África, a historiadora Ana Carolina de Souza fez um convite aos participantes: tirem os sapatos, toquem na Pedra (Pedra do Sal). Ao obedecê-la, éramos crianças embebidas de algo inexplicável. Uma comoção estranha ao óbvio, como se ele já não existisse mais, apesar de ululante.





## **Caminhar entre muros**

O caminhante contemporâneo encontra diversos muros em sua trajetória. Às vezes eles impedem a continuidade; outras vezes, provocam uma mudança de rota e, assim, abrem novas perspectivas. A fronteira, mesmo quando nos barra, também nos faz criar. Nos obriga a imaginar outro percurso. O tema das fronteiras se mostra, assim, propício à escrita, para escrever sobre, mas também para expandir limites dentro do próprio processo criativo. Talvez a escrita seja, ela mesma, uma forma de atravessamento.

Viver no Rio de Janeiro é conviver com fronteiras móveis. É habitar as linhas tênues entre bairros de classes sociais distintas, entre o asfalto e o morro, entre o centro e a periferia, entre o permitido e o proibido, entre o medo e o desejo. É estar sempre atravessando limites sociais.

Práticas de extermínio em áreas pobres, operações policiais violentas, precarização da saúde e da educação trazem a necessidade de encarar essa realidade tensa. Ao caminhar, migramos a narrativa de um lado para o outro, porque nosso pensamento também se desloca.

**O corpo que caminha já não é o corpo que iniciou a caminhada.**

**É um corpo atravessado, transformado pelo encontro com outros corpos.**

O geógrafo Milton Santos já via e vivia a cidade como espaço simultâneo de encontro e conflito, resultado da produção histórica do espaço social. Ela não se restringe à dimensão física ou arquitetônica: incorpora a interação entre pessoas, economia, política, poder, fluxos e desejos. É feita de ruas, prédios, infraestruturas, mas adquire sentido apenas a partir das práticas sociais que a animam. Nela, convivem escalas locais e globais, tradições e hiperconexões, desigualdade e potência.

A cidade é cenário e agente.

É onde a vida acontece e onde a vida é condicionada. É território em constante transformação, sempre fraturado entre o que poderia ser e o que é impedido de ser.



## **Cidade-muro, cidade-rua, cidade-corpo**

A cidade é um substantivo feminino, aglomerado, assentamento destinado à moradia e a tudo que se tem direito e a tudo que não se tem direito. Os direitos de ir e vir são atravessados por realidades proibitivas: tarifas de transporte, violência, ausência de acessibilidade, apagamentos históricos. Por isso, a cidade pode se tornar uma cidade-muro, incapaz de cumprir a promessa do espaço público, e sim atuando como divisória do que deveria ser partilhado.

O sentido da cidade migra a cada esquina. Ela é instável, mutante. O que ela significa de manhã já não é o que significa à noite.




## **Ambulantes: cidade em movimento**

E nesse contexto, os ambulantes, esses corpos “moventes”, são atores centrais na dramaturgia urbana. Eles não apenas ocupam a cidade; fazem a cidade. Movem a economia, transgridem fronteiras impostas, recusam o destino reservado aos espaços fechados onde não foram convidados.

Sua circulação desmonta a falsa ideia de ordem. Eles montam e desmontam territórios efêmeros: uma barraquinha, um carrinho, um pano estendido no chão. Têm localização, mas não raiz fixa; têm pertencimento, mas não moradia institucionalizada no espaço urbano. São comerciantes, trabalhadores, estrategistas. São, de certa forma, cartógrafos da sobrevivência.

Venda, mercado, troca, luta, briga, festa e celebração dão significado à cidade. O comércio ambulante revela que o espaço urbano é uma negociação permanente: cultural, econômica e corporal.





## **Corpos que fazem cidade, cidades que moldam corpos**

“A cidade vive por meio do corpo dos sujeitos. A cidade é uma cidade-corpo.

Densidade própria da rua: o corpo.

Densidade necessária à cidade: a rua.”

(HISSA; Nogueira, 2013)

A cidade é um corpo denso, mas o corpo também é uma cidade. O sotaque, a malemolência, o gesto, o ritmo, tudo isso carrega cartografias internas. Somos topografias ambulantes, feitas de memórias, línguas, marcas, cicatrizes. E quando corpos se encontram, mesmo distantes, criam afinidades que resistem às fronteiras. Essa é a identidade migrante: uma constelação de pertencimentos múltiplos.

A interculturalidade que habita o território faz da humanidade um mosaico vibrante que pode celebrar e também entrar em conflito. A cidade pulsa amor e ódio. É festa e guerra. É samba e tiro. É mar e muro.

O que é uma cidade, afinal?

Talvez seja menos uma resposta e mais uma pergunta insistente. Uma cidade não é apenas o que se vê, mas o que se vive e o que se perde. É feita de rios que já não existem, de aldeias encobertas por avenidas, de muros que se erguem e de muros que caem. É feita de gestos, o ambulante que abre seu carrinho, a criança que atravessa a rua, a idosa que olha o mar ao entardecer.

A cidade é um campo de disputa, mas também um campo de imaginação. É o espaço onde lutamos, mas também onde sonhamos.

É território de dor, mas também de possibilidade.

E é justamente nesse atravessamento, nessa fricção entre o que nos fere e o que nos sustenta que o lugar se revela pelo que realmente é: onde a vida acontece, como já disse Milton Santos.

Um encontro entre o mundo e o indivíduo.





E talvez, no fim das contas, a cidade seja como o próprio Rio:

um lugar onde a geografia é tão intensa quanto a humanidade que a atravessa.

Um lugar que insiste.

Um lugar que pulsa.

Um lugar que, apesar de todos os muros, continua sendo um convite:

atravesse.





# ESCRITOS

de Marcelle Leal

## ESCRITOS DE MARCELLE LEAL



### **Ah, Mar'...**

11.11. Rio de Janeiro. Nós no MAR. Depois das promessas de tempestade no dia anterior, uma brisa suave acarinha transeuntes do centro da cidade. Na terça-feira, o museu é grátis. Passeios de crianças se misturam aos de estrangeiros enquanto isso há só quem passe. De repente, encontro. Benvindo, é você? Sim. De repente, encontro. Narrativas Migrantes entre conhecidos e desconhecidos que misturam temporalidades sob o sol da primavera.

Seguimos em direção à Baía. Que? Bahia? Poderia ser, mas a pluralidade está na diferença. Essa é a Baía de Guanabara e aprendemos em grupo que a rua também é palco. Meninos negros se jogam na água e confiam seus corpos a um futuro do presente permeado de passado. Será que isso a escola mostra? Ao fundo, barraquinhas semeiam perfumes de comida enquanto a caixinha de som toca a interpretação de Fat Family da canção "Perdi você, não tente entender, ainda te aaaamooooo..."


---

*1 Referência ao Museu de Arte do Rio (MAR), ponto de encontro desta caminhada e localizado na Praça Mauá, Rio de Janeiro/RJ*

Trabalhadores dos arredores transitam enquanto desatamos nós em grupo. O microfone destaca a voz de Jéssica, mulher que traz o fio da história para refazer as costuras da memória. Porém, a rua também é palco. Meninos negros interrompem o curso e oferecem suas balas recordando que ainda estamos em meio a comércios de futuros do pretérito. Benvindo, o passado é agora. Será que somos independentes? Os relatos de terras distantes demonstram os movimentos do gerúndio e de repente vamos nos reconhecendo caminhando em silêncio.

O destino? A Pedra. Que? Pedra da Gávea? Não poderia ser, pois há diferença na pluralidade. Essa é a Pedra do Sal e aprendemos que a rua também é palco. Personalidades negras impressas nas paredes nos remetem ao tempo espiral onde não há separação, mas confluência. O patrimônio educa e revela que África não tem nada de pequena. A mulher negra ressalta a importância do aquilombamento, o homem negro resgata a extensão dos afetos, ambos se complementam e seus ensinamentos contêm eu, você, nós. Uma mulher negra interrompe o curso da história e vende sua narrativa recordando que na fragmentação do eu múltiplas vozes vão se reconhecendo.





Assim, desatamos nós entre o semba<sup>2</sup> e o samba, sorrindo, reverenciando a potência que nos habita, individual e coletivamente. Como diz o mais velho, o futuro é ancestral e esse conhecimento eu materializei entre as Narrativas Migrantes que me levaram do antigo Porto à atual Pedra do Sal.

---


*2 Estilo musical e de dança tradicional de Angola, surgido nas áreas urbanas de Luanda, e considerado um pilar da cultura angolana. Com raízes bantas, o termo significa "umbigada" em quimbundo, indicando o toque de barrigas entre pares.*

Há Mar.

11.11. Rio de Janeiro. Nós no Mar. Ondas de pessoas vão e vem. Há um vidro entre o museu e a rua que insiste em separar passado, presente e futuro. Há um vidro entre o museu e a rua que insiste em separar o belo do cotidiano. Há um vidro entre o museu e a rua que insiste em separar o eu e o nós. Porém, a vida insiste em passar pela brecha, pelos poros, pela rachadura. O sol arde na pele, os cheiros invadem as narinas, o som penetra os ouvidos, os olhos encontram o outro em quem também me acho através do verbo expresso pela boca e os movimentos pelo corpo.

O vidro se estilhaça. Já não sei o que pertence a quem. Serei eu o outro? Será o outro eu? Já não sei o que separa o dentro e o fora, a rua e o museu. Já não sei se a fronteira existe. Já não sei...Ou será que apenas agora sei o que há, Mar? Ah Mar, encontro-me no vai e vem das ondulações. Correntezas do norte que outrora me levaram sem rumo pelo nada sei mudaram o curso no encontro com os relevos do sul e ensinaram que dentro de mim tudo sei. Afinal, se a maior parte da matéria que me constitui é de água, dentro de mim há mar.





Há Mar Me em Há Mar.

Estou prestes a transbordar, mas sou capturada. Uma rede de afetos reúne entre seus fios pessoas, experiências e memórias. Uma rede de afetos reúne ontem, hoje e amanhã. Uma rede de afetos reúne Brasil e Angola. Narrativas Migrantes em deslocamentos tecem nós que sustentam sujeitos emaranhados em experiências. Bem-vindo, não estamos distantes, só estamos espalhados. Lembro que dentro de mim tudo sei. Há mãe extensivamente. Não estou sozinha. Há mãe na terra que piso. Não há separação. Há mãe.

Estou prestes a transbordar, mas sou capturada. Entendi. É preciso acolhimento para ver a coletividade na heterogeneidade dos fragmentos. Eu sou o outro, mas também sou eu. Opostos complementares que se reorganizam em movimentos caleidoscópicos. Entendi. Desatamos nós no encontro, no palco da rua, no trançar bailante do semba ao samba, do Porto à Pedra do Sal, de Angola ao Brasil. Entendi. Desatamos nós ao sair da sombra e assumir nosso ser e estar no mundo em plenitude. Entendi. Desatamos nós, Há Anos, Há Nós.

Estou prestes a transbordar, mas sou capturada.

O invisível torna-se visível. O tempo se materializa em espiral resistente e movente. Somos muitos e ocupamos lugares inimagináveis. Sorrimos. Vivemos. Há mar, Há mãe, Há anos. Dentro de mim tudo sei, pois fui, sou e serei. Dentro de nós tudo sabemos, pois fomos, somos e seremos.

Cá entre nós

Leitores,

Não esperem uma narrativa ordenada e crescente com tons de progresso. Sou carioca e um tanto quanto avessa ao positivismo. Vez ou outra insisto em rotinas porque tudo está repleto do seu avesso, mas falho miseravelmente no processo e abraço o caos que me é inerente. Tenho dificuldades com formas. Tento me enquadrar em gêneros e repentinamente exagero num losango, triângulo ações que prontamente se desdobram num trapézio, círculo enredos e quando vejo caio no buraco do pensamento. Ainda assim, te convido a me acompanhar nas linhas a seguir. Ah, mas antes de prosseguir, gostaria de deixar um pedido, me ajude com os vazios. Gosto muito de conversas, sabe? Qual é a graça de preencher tudo? Os fragmentos deixam brechas pelas quais a gente pode se escutar. Então, não se acanhe, venha fazer esse texto comigo.



## O dia anuncia

Rio de Janeiro. O jornal da cidade anuncia a trégua de chuva. Há algum tempo percebo que a violência não basta para a grande mídia. Quando se trata de promover ondas de terror, eventos climáticos são a tendência. A mídia sabe mexer no trauma carioca, afinal, mesmo quem não viveu, acompanhou enchentes, deslizamentos de terras, pessoas perdendo suas vidas ou seus bens devido à negligência de inúmeros governos em relação aos problemas vividos, principalmente, pelas populações periféricas. Uma notícia de instabilidade climática e algumas entradas jornalísticas durante a programação do dia já garantem o aumento de marolas de burburinhos que se transformam em impulsos de sobrevivência geradoras de ondas de desespero. Nuvens se aproximam. O curioso é que a maior parte da massa movimentada pelas ameaças que saem de seus escritórios, lotam transportes e vias, não é aquela que vive o perigo real, mas sim os que buscam um motivo para direcionar suas inquietações. Dizem que a diferença entre o medo e a angústia é que o primeiro tem um objeto e o segundo não. A experiência de adversidades concretas dificulta a criatividade de atribuições criadas para dar um sentido pesaroso para a



própria existência. Dias azuis e nuvens escassas não intimidam anúncios de grandes catástrofes.

Não saiam de casa, não olhem pra cima. Nuvens se dispersam. Âncoras ficam nas mentes as águas e os ventos como o perigo da estação enquanto comerciais anunciam o caráter pop do agro. Indicações pluviométricas atribuem valor excepcional a um problema recorrente local e quilometragens de rajadas chegam com ar de novidade para insuflar o pavor. Talvez a psicanálise explique o mecanismo existente entre a expectativa criada rumo ao extermínio e o alívio após a constatação de que a promessa não se cumpriu ou apenas se realizou parcialmente. Sim! Ainda estamos aqui. Ao fundo, uma voz masculina informa: as chuvas mais uma vez trazem problemas... e questiono: o sujeito está correto?



## **Ainda estamos aqui**

Minha mãe tem medo de barata. Quando era criança escutava que só as baratas sobreviveriam a um acidente nuclear. Na juventude, em mesas de bar dispostas entre poças e bueiros da Lapa, a frase se reinventou: diante de um acidente nuclear, apenas as baratas e os cariocas sobrevivem. Eu achava graça porque traz um humor à nossa precariedade. Atualmente, quase ninguém mais fala disso, rimos mais das misérias reais do que das inventadas, o que é de fato assustador. Hoje minha mãe supostamente protegida pela tela da TV está sem coragem de sair e adverte quem o faz porque a violência ganha tons cada vez mais cruéis, as chuvas andam cada vez mais intensas, os ciclones começaram a visitar o estado e já não se pode sair sem ser atacada, seja por uma barata, seja por um carioca. Quando me aventuro por outras praças, escuto com frequência: é bonito, mas perigoso, né? Por um minuto, confundo-me, é o Rio de Janeiro ou sou eu? O corpo é território e o território é o corpo. A beleza e o perigo criado por imaginações de quem nunca mesmo o percorreu. Dizem que a diferença entre o medo e a angústia é que o primeiro tem um objeto e o segundo não. E quando nossa



inquietação é o imaterial, como os discursos construídos para manipular massas? Eu tenho um trabalho para fazer no centro da cidade, um lugar repleto de cariocas e de baratas, porém, sinto-me protegida por quem tem a capacidade de resistir e reexistir. É uma caminhada cultural na pequena África onde um migrante de Angola compartilhará suas histórias ao lado de cariocas. Acho bonito desconstruir os extremos pelos seus avessos. Caminhar pelo Rio não como limitação, mas expansão. Aprender com o migrante e não sobre ele. Entender a grandeza do que é dito como pequeno. Ser carioca não pelo sobreviver, mas pelo viver. Encontrar a riqueza presente na vida barata. Apesar de todas as adversidades, ainda estamos aqui.

## **E no portal das possibilidades**

11.11. 2025. Dizem que em dias com números repetidos abre-se um portal. Dia 11 do 11. Faltam 50 dias para o fim de 2025. Há exatamente 50 anos Angola decretava sua independência. Sempre quando falo em 50 anos, lembro da época da escola e o lema do governo de Juscelino Kubitschek: 50 anos em 5. Não lembro muito bem, não era boa em História, mas algo me chamou atenção no fato de um sujeito acreditar em ideias grandes como construir uma cidade para ser a nova capital. A escola é boa de mexer com traumas. Os negros foram escravizados...E lá ia minha cabeça se refugiar nas estórias. Sou de Bento Ribeiro, um bairro pequeno entre vizinhos grandes: Marechal Hermes, Oswaldo Cruz e Madureira. Vi muita porta pequena dar acesso a casarões e grandes quintais acomodarem pequenas casas. As aparências enganam e essa visão eu já peguei desde cedo. Fui uma criança tímida. Talvez hoje com o acesso mais amplo à informação teria algum diagnóstico mais específico, mas de fato o que importa é que desde muito nova entendi que a pretensa quietude pode guardar movimentos profundos. O corpo comumente estático parecia não ter força contra o turbilhão do entorno, mas minha mente





essa sim aprendeu rápido ora surfar ora mergulhar no caos das pessoas, das ações, da vida. Desde então, comecei a conversar com o silêncio e a procurar o que existe nas entrelinhas do que está expresso. Acho que isso me fez ter uma curiosidade sobre o que é místico e está conectado mais com as energias do que sentimos do que o obviamente identificável a olho nu. O oculto me fascina e entre as logias dos astros e números eu me perco e me encontro. O não-dito me atrai e entre falas e gestos eu me perco e me encontro. O mistério me inquieta e entre o real e o imaginário eu me perco e me encontro. Quem sabe o que há entre 11s e 50s? Não há tempo, a vida se impõe e às 14.30h eu tenho um trabalho para fazer no centro da cidade, um lugar repleto de cariocas e de baratas.

## Há vida

Ávida pela vida, chego no centro e não tenho medo, pois sinto-me protegida por quem tem a capacidade de resistir e *reexistir*. Caminhar em grupo com Benvindo, nascido em Angola, mas um carioca, e com Jessica, nascida no Rio de Janeiro, mas da nossa família afrodiaspórica, faz do encontro o portal. A vida é ordinária e o toque extra está na sua materialidade. Está tudo aqui basta olhar com atenção. Saia de casa, olhe pra cima. A calamidade pouco a pouco se distancia, uma brisa leve encontra o rosto e os (des)passos unem Fernanda, Benvindo, Karla, Jéssica, Karina, Carol, Marcelle, Ana, José, Bruno, Nala, Joaquim, Akin, Zambi, Maria, Latifa e tantos outros que estão, estiveram e estarão por essas ruas.

A magia é caminhar pelo centro do Rio de Janeiro com o vento movendo a vestimenta e os falares reescrevendo corpos livres. É subverter a ordem de encarceramento de uma tradição que insiste em criar gaiolas para aprisionar passarinhos sob a justificativa do cuidado, da proteção e do pertencimento. A rota de perigo torna-se via de acolhimento para quem se desloca entre as frestas da pedra. A água devastadora é meio de

hidratação que irriga as palavras de quem, como diz o poeta, aprende a ler para seguir ensinando aos seus camaradas.

O intimidar dá lugar à intimidade.

É encontrar o adverso, o inverso, o multiverso, já que a realidade pontiaguda dos dias arrasta as estrofes no chão e arranca a poesia do asfalto. Não é se alienar, mas encontrar aconchego entre os nós da luta. Sob a égide de ordem e progresso, tenta-se esvaziar o espaço público, domesticar o humano, isolá-lo em cadeias de consumo, compulsão e exclusão. Contudo, há vida e ela é indomável, não se deixa deter e escapa pelas mãos.

Caos, afeto, coxinha, palavrão, mar, carnaval, abraço, cheiro, beijo, festa junina, molho, música, suor, tia, pix, refresco ou como alguns dizem o puro suco de uma cidade.

Atira-nos na dinâmica de deslocamentos entre o ser e o não-ser com todas as suas contradições.



## Na noite

Imersa em emaranhados, lembro da chuva, da violência, da tv, do perigo, dos cariocas, das baratas, das entrelinhas, de Bento Ribeiro, do centro da cidade e aos poucos sinto que saio do portal. Penso na quantidade de pessoas adormecidas por discursos para manipular massas e me arrepio. Penso na quantidade de pessoas privadas dos direitos básicos pelos efeitos da desigualdade e choro. Penso na quantidade de pessoas. A espiralar do tempo segue seu movimento. Anoitece e olho para a minha sombra projetada na parede. Aprendi com grandes mestres sobre a importância de manter um diálogo saudável com essa companheira que nos acompanha até o tombar do corpo, quando ela se liberta. O que ainda sabe que não captei? Ali estão guardados potenciais disfarçados de medo, angústia e aquela palavra que não tem nome da inquietude incômoda provocada pelo imaterial. É preciso paciência para escutar, pois sua voz é tênue e se abriga nos recônditos dos pensamentos, ações e reações. Está ali, mas nem todo mundo consegue perceber. Seria como as baratas? Cientistas dizem que o cheiro desse inseto não é perceptível para todas as pessoas. Eu sinto cheiro de barata. Isso é ruim, você entrar

num lugar e saber que há barata ali. Eu sinto cheiro de barata. Isso é bom, você entrar num lugar e saber que há barata ali.

Nada é uma coisa só. Se eu fizer um exame genético, por exemplo, sou brasileira, estou na América, mas África corre nas minhas veias. Sou mulher e dizem que, ao carregar nossas mães com todos seus óvulos, as avós maternas já nos carregam também.

Basta! Essa sombra está muito tagarela hoje. Finalmente, 11.11 se aproxima do 00.00 e mais uma estória pode começar.





**Calçada  
da...**





# ESCRITOS

de Nayara Marfim



## ESCRITOS DE NAYARA MARFIM

Diário de bordo  
(Nayara Marfim)



Sábado, 15 de novembro de 2025. Chegamos ao ponto de encontro e algumas pessoas já estavam lá. Eram 9 horas da manhã e a noite anterior seguia vibrando na Pedra do Sal. Barracas de comida e bebida ainda montadas, cheiro seco de festa que há pouco acabou. Parte do público da caminhada já aguardava. Feliz por fazer parte, uma das participantes dizia nunca ter estado ali. Pensei na nossa cidade, aquele lugar novo para ela e tão familiar para mim. E pensei que uma cidade sempre guarda lugares que ainda não pisamos, mesmo quando achamos que já os conhecemos bem. Aos poucos, mais pessoas foram chegando. Começamos.

Ana Carolina, historiadora e professora formada pela UERJ, pesquisadora da memória e da formação social no Brasil, especialmente no Rio, abriu os trabalhos. Estávamos no território da Pequena África, assim batizada por Heitor dos Prazeres, contou ela. Antes mesmo de nos movermos, já era possível sentir a potência dos encontros. Ali, na Pedra, lugar de luta e resistência,

nos abríamos para ouvir memórias distintas que quando se tocam criam outras histórias.

Nosso grupo se avizinhava a outros que também estavam ali para ouvir e aprender. Pessoas de todas as idades. Moradores entrando e saindo de suas casas. Uma leve escorregadela de um jovem mais afoito. Até o ator Lázaro Ramos apareceu, sorridente, para uma ação de lançamento de seu novo livro infantil com outro grupo vizinho. O Narrativa Migrante é um projeto de encontros na cidade. E naquele sábado, Ana Carolina encontrou Alejandra Rojas. Quantas histórias cabem em um lugar de encontro?

Alejandra Rojas é venezuelana, artista circense e professora de espanhol. Veio voluntariamente ao Brasil, mas em 2018 se viu impedida de voltar. Logo saberíamos que ela saiu do seu país de bicicleta com duas amigas e pouquíssimo dinheiro, movida por um desejo de aventura, e que o trajeto a levou por diferentes estados, diferentes trabalhos e diferentes formas de acolhimento. Algumas bonitas, outras duras. Aos poucos percebeu que a situação de seu país não possibilitava retorno. Não vê seu núcleo familiar, hoje quase todo migrante, há quase dez anos.





articulado antes, a história dela puxou outra que trago cá dentro de mim.

\*\*\*


Estamos em 2003. Eu tenho 22 anos, um desejo de fuga e pouquíssimo dinheiro no bolso.

Recebo de uma amiga dinheiro emprestado para comprar as passagens e vou para o Canadá. Eu, que nunca saí do país antes, tenho na carteira exatos cem dólares, uma casa para ficar e a tranquilidade de quem não faz a menor ideia do que está fazendo.

A passagem de turista, que trabalha escondido, para imigrante ilegal é assim: você completa seis meses e, de repente, não tem mais o direito de estar naquele lugar. Mas a política é clara. O país precisa de imigrantes para ocupar certos postos de trabalho e a vista grossa reina enquanto a gente faz faxina, trabalha em bares e com sorte cuida por algumas horas de bebês e crianças pequenas.

Meu primeiro trabalho em Toronto é de faxineira de banheiros de grandes farmácias, que funcionam como pequenos shoppings e ficam





bem longe da região onde moro. Sou contratada por um homem, brasileiro, já com cidadania canadense, dono do contrato, que emprega meninas que precisam trabalhar ilegalmente para auxiliá-lo. A divisão é simples, ele limpa o chão das lojas e eu os banheiros. Trabalhamos de madrugada, quando as lojas fecham. Ele me busca todos os dias em casa e vamos conversando e ouvindo música nos longos trajetos. Às vezes dividimos lanches ouvindo que a tristeza é senhora, desde que o samba é samba é assim. Faz muito frio e eu estou muito triste. Voltar para casa parece um sonho distante.

No dia em que estamos agora eu estou cansada de conversar com o homem e finjo que estou dormindo. Começo a ouvir o barulho das pulseiras que ele usa nos braços se chocando umas nas outras em um movimento de vai e vem. Abro discretamente os olhos, sem me mexer, e vejo o que eu já sei. Fico o mais imóvel que consigo, a respiração quase parada. Estamos em uma *highway*,<sup>3</sup> no meio da madrugada, e eu só quero chegar em casa segura. Chego, desço do carro correndo e nunca mais falo com esse homem. Não atendo suas ligações, não vou à sala quando ele bate à minha porta, nem leio a carta de desculpas que ele deixa.

---

3 Estrada principal de longa distância, geralmente pavimentada e de alta velocidade, projetada para tráfego intenso, ligando cidades ou regiões.

Voltar para casa é um sonho. Eu sonho com isso várias vezes.

\*\*\*

Quando a rua é a sala de aula, coisas bonitas acontecem. Mas não são coisas que se aprendem de uma vez.

Caminhar como modo de pensar com o corpo. O passo que antecede a ideia. O chão que ensina antes da palavra. Na rua, o pensamento não se organiza para explicar, mas para atravessar. Algo começa a se mover sem pedir autorização.

Caminhávamos juntos, mas cada um em seu próprio ritmo interno. A rua não uniformiza. Ela expõe. Algum barulho da noite que ainda não tinha ido embora, o cheiro de bebida misturado ao de pedra molhada, o corpo acordando enquanto a cidade já estava desperta há horas. Não era um começo limpo. E talvez aprender nunca seja.

Na rua o saber não se apresenta como conteúdo. Aparece como atrito. Um nome dito. Um território nomeado. Uma história de vida. Um silêncio. Aprender em movimento é sentir que aquilo que parecia distante insiste em permanecer sob os pés.





## **Praça 7**


*- Quantas histórias cabem em um lugar de encontro?*

Rita saiu de casa cedo para não perder o ônibus. A pressa não ajudou. O ônibus passou e ela ficou ali, sentada no meio-fio da praça. A manhã ainda esquentava. A poucos metros, um homem ajeitava a mochila num banco de cimento. Passou a mão pela costura refeita, abriu e fechou o zíper duas vezes. Olhou para o relógio no pulso, depois para a rua. Rita acompanhou o movimento sem ser notada. Ele ficou.

O entregador apareceu empurrando a bicicleta, a marcha falhando num estalo seco. Encostou a roda, arrumou a corrente, repetiu o movimento até funcionar. Olhou em volta. O homem da mochila levantou o olhar. O entregador se aproximou e estendeu algo pequeno. O homem conferiu rápido e guardou. O entregador voltou para a bicicleta, limpando os dedos na barra da bermuda.

Uma senhora atravessou a rua com panos bordados dobrados no antebraço e uma garrafa no bolso da calça. Parou, sentou-se no banco de cimento e despejou um pouco de água nas mãos, esfregando devagar. O entregador olhou para os





dedos sujos de graxa, hesitou. A senhora estendeu um pano. Ele limpou as mãos rápido e devolveu.

Ela dobrou o pano de novo, no mesmo lugar. O homem da mochila se afastou dela alguns centímetros. Ela percebeu, mas continuou.

Marina chegou logo depois, de uniforme amarrotado e caderno apertado contra o peito. Parou perto da avó e abriu o pão embrulhado. Um pedaço caiu no chão. Ninguém se moveu.

A senhora ofereceu o que restava de água na garrafa. Marina bebeu.

O rapaz dos panfletos segurava o maço com as duas mãos. Separou um deles, virou o papel e passou o polegar sobre o telefone que anotou no verso. Olhou para Rita. Um empurrão de vento virou o papel antes. Ele segurou, dobrou rápido e guardou no fundo do maço.

O varredor que empurrava folhas com a vassoura, varreu um trecho curto, voltou ao início, refez o traçado. O vento espalhou tudo outra vez. Ele ajustou o percurso e recomeçou. Uma rajada empurrou folhas na direção de Rita, que desviou o pé.

O rapaz dos panfletos levantou os olhos. Encontrou os dela. Coração na boca, ajeitou o maço outra vez. Tirou o papel do fundo, agora meio amassado. Virou-o como quem confere se o número ainda está lá. Abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas logo fechou. Dobrou o panfleto e o devolveu ao monte.

Nova rajada.

A senhora dobrando os panos com cuidado.  
A menina ajeitando o caderno sob o braço.  
O entregador testando o pedal mais uma vez.  
O varredor refazendo o traçado no chão.  
O homem da mochila se levantando, sem pressa.

O homem saiu primeiro, sem olhar para trás.  
O entregador ganhou impulso e seguiu pela rua lateral.

A senhora guardou a garrafa no bolso da calça.  
A menina correu para a escola.

O panfleteiro juntou os papéis que o vento levou.  
O varredor empurrou as folhas para outro canto.

Rita esperou um instante.  
Depois se levantou também.

A praça continuou ali.





**Vó,**

estou arrumando a mochila. Não é grande. Mas também não escolhi a menor. Mesmo assim, já tirei e coloquei tudo mais vezes do que lembro.

As roupas ficam por cima. O que é mais pesado vai no fundo, separado. Não misturo. Nunca misturei.

Coloquei os documentos num bolsinho interno. Depois mudei de lugar. Não confio muito em bolso nenhum. Também não confio em mim quando estou cansada.

A casa ficou estranha depois que você morreu. Não vazia. Estranha. As coisas seguem funcionando. A torneira pinga. A geladeira liga. O chão pede atenção.

Você chegou ao Rio de Janeiro e nunca mais saiu de Vila Isabel. Dizia que não precisava. Que o mundo já passava pela Praça 7. Talvez passasse mesmo.

Arrumar a mochila ocupa a cabeça e as mãos. Dá uma ordem provisória às coisas. Escolher o que vai. Deixar o que fica. Saber que algumas coisas não vão, não porque não servem, só porque não.

Tem coisa que não levo porque pesa. Tem coisa que não levo porque chama atenção. E tem coisa que levo porque se ficar eu fico junto.

Ontem entrei no seu quarto pela primeira vez. Peguei um pano bordado. Fiquei ali um instante, parada, com ele na mão. Levantei e guardei na mochila.

Vou fazer o seu caminho de volta até o interior do Ceará. Já pensei no trajeto. Nos horários dos ônibus. Em onde parar. Em atravessar certos lugares mais rápido. Em não olhar demais. Em não parecer nunca sozinha.

A mochila está pronta.

Tranquei a porta.

Você não precisaria se preocupar.

**Marina.**





**No meio  
do caminho  
tinha...**







# **SOBRE AS AUTORAS**



## **SOBRE AS AUTORAS**

**Fernanda Paixão** é carioca, mulher e vascaína. Está sempre em movimento, habitando um lugar de estrangeira até na própria cidade. É mestre em Artes, com pesquisa em performance relacional, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com publicações em revistas nacionais. Fundadora da Feltrip, é professora e artista. Escreve, caminha e conta histórias.

**Marcelle Ferreira Leal** é uma mulher negra do subúrbio carioca e doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Desenvolve estudos na área de feminismos e literatura negro-brasileira além de trabalhar com tradução e versão de autores latinoamericanos. Atualmente, é docente no ensino superior e, no âmbito de pesquisa, dedica-se à sistematização e análise dos arquivos da viagem de Carolina Maria de Jesus para Argentina, Uruguai e Chile na década de 1960, bem como à relevância histórica e criativo-epistemológica da turnê da escritora brasileira pela América Latina em seus deslocamentos.

**Nayara Marfim** é carioca da zona norte do Rio de Janeiro, mãe e escritora nas horas possíveis.

Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, formou-se também em Psicocologia (UFRJ) e Letras (UFF).

Pesquisa as escritas de si a partir da articulação entre arte, vida, invenção e memória no campo das narrativas contemporâneas.





**Se essa  
rua fosse  
minha...**

**É um  
beco...**

**Calçada  
da...**

**No meio  
do caminho  
tinha...**







# **BIBLIOGRAFIA**



## Referências bibliográficas do texto “Ensaio Limítrofe”

**BARATTO, Romullo.** Ailton Krenak: “Em vez de operar na paisagem, devemos nos confundir com ela”. ArchDaily Brasil, 16 out. 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1007266/ailton-krenak-em-vez-de-operar-na-paisagem-devemos-nos-confundir-com-ela>. Acesso em: Novembro, 2025.

**HISSA, C. E. V.; NOGUEIRA, M. L. M.** Cidade-corpo. Revista da UFMG, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 54-77, jan./jun. 2013.

**MENEZES, Paulo Márcio Leal; FERNANDES, Manoel do Couto.** A cartografia histórica e a formação territorial do Estado do Rio de Janeiro — a contribuição da Biblioteca Nacional. Seminário **21 anos da Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional: comemorando entre amigos**, Rio de Janeiro, 21 maio 2019. Biblioteca Nacional. Disponível em: [https://antigo.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/apresentacao/2019/seminario-21-anos-divisao-cartografia-biblioteca-nacional\\_0.pdf](https://antigo.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/producao/apresentacao/2019/seminario-21-anos-divisao-cartografia-biblioteca-nacional_0.pdf). Acesso em: Novembro, 2025.

**SANTOS, Milton.** A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)





Realização:



Patrocínio



Cultura